

A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA URBANA E SEUS DESDOBRAMENTOS NAS OBRAS DE MARCELINO FREIRE

Claudimar Paes de Almeida

Mestre em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: claudimarpaes@hotmail.com

Leoné Astride Barzotto

Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Professora Associada da Universidade da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: leoneastridebarzotto@gmail.com

RESUMO

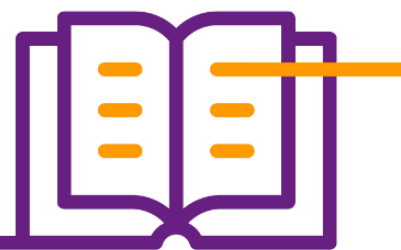
O presente artigo tem como objetivo geral discutir a temática da violência e alguns de seus desdobramentos na sociedade brasileira e como essa representação se configura na literatura brasileira contemporânea produzida pelo escritor Marcelino Freire. A proposta se delinea por um viés de discussão das obras de contos: *Angu de sangue* (2000), *BaléRalé* (2004), *Rasif: mar que arrebenta* (2008), *Amar é crime* (2015), *Contos negreiros* (2015) do autor supracitado, tendo, dessa forma, uma construção metodológica de cunho bibliográfico agregada à uma visão geral sobre tais obras e personagens que por elas circundam. O quadro teórico se constrói a partir dos seguintes autores: Ginzburg (2012), Júnior (2013), Moreira (2015), Schøllhammer (2013), Silva (2013), dentre outros. Nesse sentido, esta pesquisa visa colaborar com as reflexões pertinentes à temática da violência, haja vista ser uma realidade que muda a dinâmica da vida do ser humano e de toda a sociedade.

Palavras-chave: Violência; Literatura Contemporânea; Marcelino Freire.

THE THEME OF URBAN VIOLENCE AND ITS DEVELOPMENTS IN THE WORKS OF MARCELINO FREIRE

ABSTRACT

This article aims to discuss the theme of violence and some of its consequences in Brazilian society and how this representation is configured in contemporary Brazilian literature produced by the writer Marcelino Freire. The proposal is outlined by a discussion bias of the short story works: *Angu de blood* (2000), *BaléRalé* (2004), *Rasif: sea that breaks* (2008), *Loving is a crime* (2015), *Contos negreiros* (2015) by the aforementioned author, thus having a methodological construction of bibliographic nature added to an overview of such works and characters that surround them. The theoretical framework is constructed from the following authors: Ginzburg



(2012), Júnior (2013), Moreira (2015), Schøllhammer (2013), Silva (2013), among others. In this sense, this research aims to collaborate with the reflections pertinent to the theme of violence, since it is a reality that changes the dynamics of the life of the human being and of the whole society.

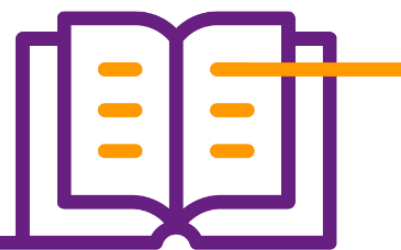
Keywords: Violence. Contemporary Literature. Marcelino Freire.

INTRODUÇÃO

A literatura é um instrumento reflexivo de fenômenos ocorrentes na sociedade, sejam eles do passado ou do presente. A temática da violência e como ela está inserida na criação literária, por exemplo, não é tão atual. Ela está presente na obra de Aluísio Azevedo, como *O cortiço*, e na de João Guimarães Rosa, como *Grande sertão: Veredas*, e nas obras de Rubem Fonseca, em que a presença da violência ocorre de forma exacerbada. É a partir das obras de Fonseca que Alfredo Bosi (1975) caracteriza essa “nova” literatura como brutalista.

O acervo de textos literários que servirão à discussão são: *Angu de sangue* (2000), *Balé Ralé* (2004), *Rasif: mar que arrebenta* (2008), *Amar é crime* (2015), *Contos negreiros* (2015). Cinco livros nos quais a temática da violência caracteriza as ações, os devaneios, as atitudes, e a construção da trama narrativa. Vale destacar que a reflexão da temática se desdobrará sobre quatro temas: desigualdade social, gênero, homossexualidade e etnicorracial. É importante apontar ainda que as narrativas selecionadas não serão tomadas simplesmente por uma análise reducionista em relação a apresentar de como seria/é uma sociedade com ou sem a presença da violência, mas como é sua manifestação a partir de estratégias diversificadas que partem das narrativas.

O estudo em questão também se direciona para perceber as peculiaridades nas narrativas de Marcelino Freire, articuladas pelas estratégias discursivas, estéticas e narrativas, e se por meio dessas elas conseguem apontar simbolicamente a presença da violência de forma expressiva, revelando o papel de denúncia e também das estratégias que a violência utiliza para atingir o sujeito contemporâneo.



Partindo desse pressuposto, precisa-se colocar em discussão se Freire por meio dos textos narrativos consegue conceber um universo ficcional, no qual a violência, seja ela concreta ou abstrata, simbólica ou material, psicológica ou física, entre outras, atua como um instrumento de força reveladora do real. Ressalta-se que não é objetivo do novo realismo literário brasileiro e nem desta pesquisa, propor, neste caso, uma versão real da violência de forma mecânica ou definitiva, mas, por meio dos “códigos da violência”, que aqui nomeiam-se como estratégias literárias, abordar e analisar as diversas representações e manifestações desse mal do século tão circundante e desestabilizador da vida do ser humano.

E ainda, tematicamente, avaliar as várias representações da violência existentes no conjunto da obra do escritor; estruturalmente, avaliar em que medida a construção narrativa, os procedimentos estilísticos contribuem para enriquecer as temáticas e, em que sentido, a interpretação da obra de Freire lança luz para pensarmos as violências que atingem o sujeito contemporâneo.

Desse modo, o artigo tem como objetivo discutir a temática da violência e alguns de seus desdobramentos na sociedade brasileira e como essa representação se configura na literatura brasileira contemporânea produzida pelo escritor Marcelino Freire. Logo, estruturase a partir das seguintes abordagens: i) perspectivas do conto: alguns olhares; ii) violência da linguagem e linguagem da violência; iii) as narrativas freirianas e as figurações da violência.

Perspectivas do conto: alguns olhares

Precisa-se em primeiro momento trabalhar alguns conceitos a partir de teóricos que ajudam a compreender alguns aspectos contidos no conto, visto que ele, enquanto gênero literário sofreu algumas mudanças com o tempo quanto a sua estrutura, linguagem e definições. Cortázar (2006, p. 152) considera o conto como “caracol da linguagem” devido a tal importância e ao mesmo tempo à riqueza de gêneros dentro do gênero conto.

O conto é um gênero textual de pequena extensão; nele podemos perceber determinada temática de forma sintetizada, porém isso não limita a sua potencialidade. Provoca grande



reflexão, muitas vezes muito mais do que os textos de grandes extensões. Pode causar no leitor uma abertura que vai além do visual ou literário, por isso ele “[...] é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras fases” (CORTÁZAR, 2006, p. 152).

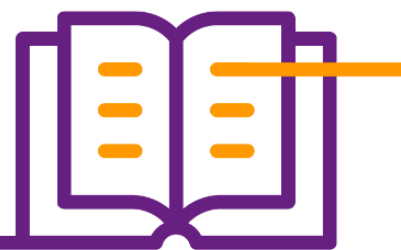
Após comentar sobre algumas questões do conto, Cortázar (2006, p. 152) destaca o que para ele é ser um bom contista:

[...] o bom contista é um boxeador muito astuto, e muitos dos seus golpes iniciais podem parecer pouco eficazes quando, na realidade, estão minando já as resistências mais sólidas do adversário. Tomem os senhores qualquer grande conto que seja de sua preferência, e analisem a primeira página. Surpreender-me-ia se encontrassem elementos gratuitos, meramente decorativos.

Percebe-se que o autor fala da extensão do conto e de como ele pode produzir efeito no leitor. E também de como o contista ao escrever o conto dá “golpes seguros” de forma que quem ler sai “ferido”. Ao ler as primeiras páginas de determinado conto o leitor já consegue perceber a “agressividade” existente nele, ou seja, ele muitas vezes não traz em sua linguagem elementos meramente decorativos.

O contista não pode se prolongar, ele tem que ser conciso, enxuto, condensar o tempo e o espaço. O conto tem que causar impacto, susto, admiração das primeiras palavras às últimas. Para Cortázar (2006, p. 152) “[...] o contista trabalha com um material que qualificamos de significativo”. Vale destacar que esse significado reside em seu tema e na forma como ele é apresentado. Corrobora Bosi (1986, p. 8) sobre a questão: “quanto à invenção temática, o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo”.

Nessa perspectiva, de o conto surpreender, é que se pensa nas situações, em específico, das formas do conto brasileiro contemporâneo. O conto realista cumpre de sua forma, em seu estilo, a ficção contemporânea. Bosi (1986, p. 7) diz que “posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as sedução do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade”. É dentro desse contexto do jogo verbal e de sua diversidade agregada ao tema e ao estilo que Bosi define o conto como uma literatura brutalista.



Em seu livro *O conto brasileiro contemporâneo*, comenta sobre vários autores, dentre eles, Rubem Fonseca, que é visto como o precursor da literatura brutalista. Segundo Bosi (1986, p. 15) “[...] há muito brutalismo *yankee* na concepção de linguagem de Rubem Fonseca e dos seus seguidores mais recentes”. Percebemos que a construção narrativa de Fonseca se dá a partir de uma perspectiva brutalista, ou seja, violenta. Logo, “imagem do caos e da agonia de valores que a tecnocracia produz num país do Terceiro Mundo é a narrativa brutalista de Rubem Fonseca [...]” (BOSI, 1986, p. 18).

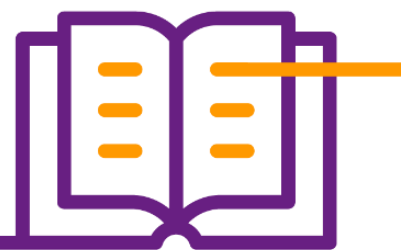
Os contos contemporâneos são narrativas construídas por uma linguagem enxuta e direta, sem muitos ardeios, muitas vezes sem se importar com a pontuação, pois até esta soa como brutalista. Estilo urbano que apresenta também personagens com seus dialetos próprios e dos mais diversos lugares e representatividades da cidade. O mendigo, o assassino, a prostituta, o menino de rua, o engraxate, o drogado, dentre tanto outros, são as personagens que vagueiam nas narrativas de Fonseca.

Não diferente, Marcelino Freire inaugura em suas obras essa mesma tonalidade brusca da violência, porém com estilo próprio de apresentá-la. Conforme Barbosa (2000 apud Freire 2000, p. 12) ao referenciar a oralidade presente nas obras de Freire destaca o seguinte:

A sua oralidade é de uma espécie mais rara, embora, como escolha e técnica narrativas termine por responder, certamente, à pungência e significados veiculados por alguns desses contos, uma vez que o narrador cede, nesses casos, o seu lugar a uma voz narrativa entroncada em camadas sociais herdeiras da tradição oral.

Nos contos de Freire é perceptível a construção das narrativas com pouca extensão, muitas vezes levada ao extremo. No entanto, esses não perdem sua coerência. São textos que apesar de breves guardam enredos com grande complexidade. Para Costa (2009), o conto, assim como a novela e o romance, é um gênero narrativo e com menor extensividade. Dessa forma, sua configuração material narrativa é curta e historicamente verificável, originando-se dos casos populares com função lúdica e moralizante.

Porém, apesar de Freire retomar a característica de tratar de assuntos populares, esses não trazem nada moralizante. Segundo Torresan (2013, p. 24), Freire:



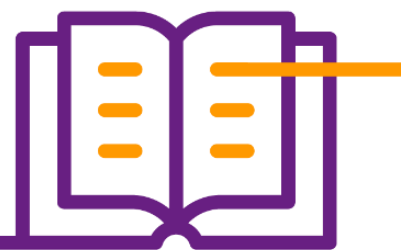
Em suas narrativas “micro”, o autor não dialoga com a moral e os bons costumes [...]. Nesse sentido, é importante observar todo o conteúdo implícito que há nos microcontos. Se o que é escrito possui pouca extensão, o conteúdo implícito ocuparia inúmeras páginas, caso fosse discutido a fundo. Talvez fosse a intenção do autor: ao invés de narrar excessivamente as ações cotidianas [...] Freire subverteu o gênero textual conto ao sinalizar tais ações com poucas palavras, permitindo ao leitor complementar os enredos com o conhecimento e as percepções que possuir sobre o assunto atrelado.

Entende-se, então, que apesar de serem curtos, os contos devem ser lidos com atenção, a fim de se compreender a profundidade temática e contextual neles contidos. Por isso a importância também de ler os contos, observando alguns aspectos como o discurso e a quem ele se refere, o conteúdo implícito, os interlocutores envolvidos, os contextos específicos nos quais esses interlocutores estão inseridos, e não menos importante, a linguagem, visto que ela é reveladora das ações dos indivíduos e também de determinada identidade social, como alude Preti (2003).

Violência da linguagem e linguagem da violência

Dentro desse contexto, no qual a linguagem é vista como expressão reveladora, busca-se colocar em pauta, como e de que forma a violência está embutida na linguagem, e como a linguagem é um elemento revelador da violência, haja vista as situações, os impactos e os múltiplos efeitos causados por ela.

A violência enquanto aspecto representativo na literatura é expressa com características de dor e produtora de uma brutalidade, com atos totalmente cruéis e sem restrições de idade, pessoa ou ambiente social. São histórias traçadas por mortes, assaltos, sequestros, estupros, dentre tantas outras ações que envolvem a violência. A expressão desse conteúdo tão marcante na vida da sociedade se faz presente na literatura brasileira, não só nas ações constituídas ou efetivadas fisicamente pelas personagens, mas pela linguagem perturbadora.



A literatura se vale de uma nova linguagem para aproximar-se da realidade das personagens e do contexto que a violência permeia. Linguagem voltada para a coloquialidade. Schollhammer (2013, p. 55) contribui ao dizer que:

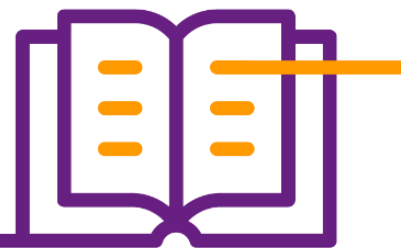
A recriação literária de uma linguagem coloquial “chula”, desconhecida pelo público de leitores, representava a vontade de superar as barreiras sociais da comunicação e, ao mesmo tempo, imbuir a própria linguagem literária de uma nova vitalidade para poder superar o impasse do realismo tradicional diante da moderna realidade urbana.

É a atenção dada à realidade dos submundos presentes na cidade e a recriação de personagens com o intuito de se aproximarem o máximo possível da realidade brasileira. A crueldade violenta das cidades e as personagens que são atingidas diretamente por ela fazem parte dessa nova narrativa. Por meio da linguagem violenta as personagens agem de certas maneiras em determinados contextos. De acordo com Torresan (2013, p. 18):

O resultado de cada ação em sociedade – desde as situações rotineiras até as mais complexas, todas medidas pela linguagem –, consiste na produção de enunciações, cuja finalidade nunca é uma simples comunicação gratuita, mas, ao contrário, a criação de efeitos de sentido sob a forma de discursos os mais variados possíveis.

Compreende-se que a violência se manifesta de diferentes formas nas temáticas abordadas pela literatura contemporânea. A palavra não se limita ou não é restrita à sua estrutura. Dessa forma, as personagens que vagueiam pelas narrativas de Freire são evidenciadas por expressões de palavras coloquiais, chulas, no entanto, impactantes e provocadoras, causando certo estranhamento. Conforme Ginzburg (2012), é a necessidade de se narrar o inarrável para se pensar como e o que constitui a escrita da violência.

Almeida (2018, p. 88) contribui ao dizer que “a escrita violenta carrega tonalidades sangrentas, não é mais simples fenômeno marginal, pois assume papel crucial nas ações das personagens e nas construções narrativas”. Em consonância, Silva (2013, p. 58-59) ao comentar sobre a linguagem nas obras de Freire corrobora:



O emprego de uma linguagem igualmente anticanônica e de um estilo deliberadamente antirretórico só vem confirmar tais conjunturas, principalmente o vínculo de sua literatura com tradição popular que, em um ato simbólico, mescla-se de modo indissociável a uma vertente erudita, da extração urbana, que funciona como uma espécie de superestrutura de sua narrativa.

Tal linguagem exprime as situações representadas pelas personagens e o lugar de fala. É o que se pode inferir, por exemplo, nas diversas personagens das obras *Angu de sangue* (2000), *BaléRalé* (2004), *Rasif: mar que arrebenta* (2008), *Amar é crime* (2015), *Contos negreiros* (2015), marcadas pela violência da linguagem e a linguagem da violência.

As narrativas freirianas e as figurações da violência

Marcelino Freire é um escritor de gênero contista. Já recebeu diversos prêmios literários, como o Jabuti em Literatura em 2006, foi finalista do Jabuti de Literatura em 2014, recebeu também o prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional em 2014. É organizador da Balada Literária realizada em São Paulo desde 2006, movimento que reúne vários autores jovens, críticos consagrados e que homenageia um a cada ano, como por exemplo: em 2016 Caio Fernando Abreu, em 2017 Torquato Neto, e neste ano Alice Ruiz e Itamar Assumpção. Nazarian (2008 apud FREIRE, 2008, p. 15) cita que “nos círculos literários, nas rodas de samba, são comuns os comentários sobre a importância de Marcelino Freire como agitador cultural, sobre os eventos que promove, os autores que divulga”.

Dentro do *roll* de produção literária brasileira, o escritor Marcelino Freire se destaca pela presença das figurações da violência em suas narrativas. Sua produção se configura em sua maior parte por livros de contos, como as obras: *acRústico* (1995), *eraOdito* (1998), *Angu de sangue* (2000), *BaléRalé* (2004), *Rasif: mar que arrebenta* (2008), *Amar é crime* (2015), *Contos negreiros* (2015) e *Bagageiro* (2018). O autor chega a publicar em 2013 seu primeiro romance *Nossos ossos*, que traz como tema central o drama vivido pela personagem Heleno Gusmão, que sai do Nordeste para tentar melhores condições de vida na cidade grande, porém enfrenta um dos maiores problemas existentes nesse espaço: a violência.



Em suas narrativas, Freire apresenta uma linguagem truncada, repetitiva e construída como receituários. Tais aspectos provocam de forma insistente o discurso como instrumento da violência, e essa é representada nos dramas e histórias vividos pelas personagens, seja nas entrelinhas, no interdito, dizer o que não diz o ditado, ou de forma explícita. Em Freire o fenômeno da violência permeia e se manifesta de diversas formas, debatendo-se nas bordas dos livros como gotas de sangue nos mais diversos espaços da cidade. Nota-se nos fragmentos dos contos “Moça de família” e “Socorrinho”, de *Angu de sangue*:

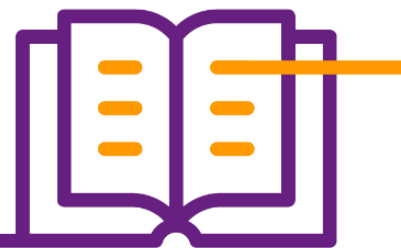
Ela é puta, pai, puta, puta, puta. É aqui, mãe, nessa luz, pelo perfume eu sei. Ela pode se esconder, mas o perfume, pai, o perfume Deus tá vendo. O dinheiro que ela leva, mãe, pode crer, que a senhora aceita e faz tudo resolver, é dinheiro, pai, daqui, eu sei, corpo que ela mostra para vender (FREIRE, 2000, p. 35).

Moço, não, sua mão, grito no semáforo, em contramão, suada, pelos carros, sobre os carros, carros, moço, não, viu sua mãe e a cidade, nervosa, avançando o meio-dia, dia de calor, calor enorme, ninguém que avisa, Socorrinho, algumas buzinas, céu de gasolina, ozônio, cheiro de álcool, moço, não, parecido sonho ruim, dor de dente, comprimido, pernilongo, extração de ouvido, o ônibus elétrico, esquinas em choques, paralelepípedos, viagens que não conhece – hoje desaparecida menina de seis anos, ou sete, trajada de camiseta, sapatinhos e chinelos, fita crespas no cabelo, azul forte ou infinito [...] (FREIRE, 2000, p. 47).

O autor vem alcançando grande repercussão nas duas últimas décadas devido à construção narrativa que predomina em seus contos, da linguagem, e das temáticas que tem trazido à tona. Segundo Júnior (2013, p. 9), “trata-se de uma literatura contemporânea que, por ser contemporânea, é rica, desafiadora e, por tudo isso, malcomportada, sem perder a seriedade que merece o tempo e o mundo de hoje”.

Construídos por diálogos truncados, tempestuosos e indiretos, os contos de Marcelino, desdobram-se na demonstração das diversas facetas da violência, explicitados pela existência urbana onde permeiam as personagens, pela condição forçada à qual elas devem se adaptar, pelo discurso, ou simbolicamente. A violência não se mostra tímida ou tácita, mas rompem-se as cortinas e os véus, sobrepujando-se em ações, atitudes e falas cortantes como lamina.

A exemplificar, o discurso nas narrativas de Freire é breve, na maioria das vezes falas entrecortadas, aspectos de desarmonia e descontinuidade que contribuem para a não linearidade

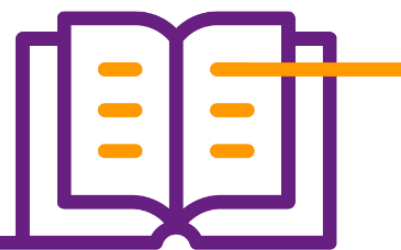


da história. Ocorre, nesse prisma, a representação das vidas emancipadas, interrompidas, silenciadas por causa das situações de violência ocorridas. Ao citarmos Fiorin (1998, p. 33) ele destaca que “as visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As ideias e, por conseguinte, os discursos são expressões da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos”. Logo, os discursos nas narrativas de Freire se tornam uma linguagem como prática violenta. Tais características estão presente nos contos “Darluz” e “Papai do céu”, de *BaléRalé*:

Dei José, dei Antônio, Maria, dei. Daria. Dou. Quantos vierem. É só abri olho. Nem bem chorou, xô. Não posso criar. É feito gato, não tem mistério. É feito cachorro de rua, rato no esgoto. Moço, quem cria? É fácil pimenta no cu dos outros. Aí vem a madame, aí vem gente dizer: arranhe um trabalho. Arranje você. Me dê o trabalho, agora. Não sei ler, não sei escrever, não sei fazer conta. Nos dedos da mão a gente conta: José, Antônio, Maria, Isabel, Antônio. Dou nome assim só pra não me perder. Quem mais? Evoé, Evandro (FREIRE, 2004, p. 57).

Papai chegou e meu coração pulou o coração de papai e papai me abraçou e mamãe tinha saído para casa da titia e a titia mora lá em Carapicuíba e a titia cria galinha e o titio é engraçado porque o titio tem um bigode do tamanho de uma vassoura e a vassoura é do tamanho do papai e o papai é magro que nem uma vassoura e o papai foi logo tirando a bota e tirou a camisa e tirou a calça e jogou tudo no chão e eu vim correndo abraçar o papai e papai quase me mata quando me abraça e papai vive cheirando a cigarro e mamãe diz que não gosta de cigarro e diz que papai vive cheirando a bebida e vive cheirando a cerveja e vive cheirando a cachaça e vive cheirando a cigarro e um dia mamãe disse que ele vive cheirando a mulher e disse que ele vive cheirando a puta e eu já ouvi ele chamar mamãe de puta e eu achei engraçado papai chamar mamãe de puta e um dia eu chamei mamãe de puta [...] (FREIRE, 2004, p. 93-94).

Outro ponto que pode ser levantado e discutido é a oralidade, visto que os textos de Freire, por meio das estratégias discursivas, imitam, reproduzem a oralidade, criando um efeito espontâneo, oral. Ao pensarmos na relação entre a literatura e a oralidade colocamos em pauta as manifestações advindas da arte verbal presente nos gêneros orais e escritos. Destaca-se que a escrita, depois de criada, para Moreira (2015) assume primazia sobre a oralidade; todavia, a oralidade não é esquecida, ou simplesmente é deixada de lado com a escrita. Para a autora, a oralidade se anuncia na escrita por insistência da voz. Zumthor (1993, p. 113) contribui ao dizer que a oralidade é o “verbo encarnado na escritura”.

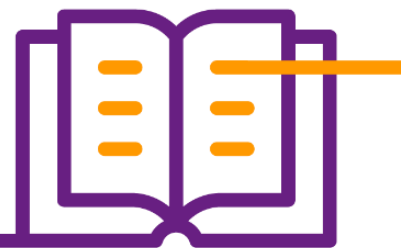


É então nesses trâmites, da passagem do oral para o escrito, que se encontram as contradições, os conflitos, as oposições, as tensões, as confrontações. Não diferente, ocorre com o indivíduo ao se defrontar com a violência, pois é na enunciação do processo oral que ele encontra meios para lidar com esse fenômeno social tão conflituoso. Veja-se no conto “Da paz”, de *Rasif*: mar que arrebenta:

Eu não sou da paz.
 Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma não, senhor. Não solto pomba nenhuma não, senhor. Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça.
 Uma desgraça.
 Carregar rosa. Boba na mão. Nada a ver. Vou não. Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar. Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão. A paz não resolve nada. A paz marcha. Para onde marcha? A paz fica bonita na televisão. Viu aquela atriz? No trio elétrico, aquele ator? (FREIRE, 2008, p. 25).

Freire é cuidadoso ao articular a construção da oralidade de cada narrador-personagem, pois esse está situado em determinado contexto social e histórico. O discurso da personagem é elemento fundamental para a sua identificação social, sendo a oralidade ferramenta expressiva nesse processo. Vale ressaltar que tanto Ong (1998) quanto Zumthor (1993) refletem sobre as diferentes oralidades existentes e da ligação que há com a comunidade em qual elas se originam. Logo, “os contos de Marcelino Freire têm na exploração da oralidade sua característica fundamental” (FERRAZ, 2009, p. 25). Tal articulação na construção da oralidade para expressar a temática da violência é percebida nas frases iniciais do conto “Esquece”, de *Contos Negreiros*:

Violência é o carrão parar em cima do pé da gente [...].
 Violência é a gente naquele sol e o cara dentro do ar condicionado [...].
 Violência é ele ficar assustado porque a gente é negro [...]
 Violência são essas buzinas e essa fumaça e o trânsito parado [...]
 Violência é você pensar que tudo deu certo e nada deu certo [...]
 Violência é acabarem com a nossa esperança de chegar lá no barraco e beijar as crianças [...]
 Violência é a gente ficar com a mão levantada cabeça baixa em frente à multidão [...]
 Violência é a gente receber tapa na cara e na bunda [...] (FREIRE, 2015, p. 31-32).



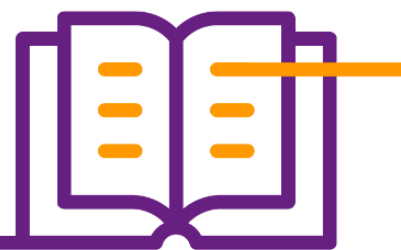
Outra característica evidenciada nos textos de Freire é a performance; tanto o corpo, como os gestos e as repetições constantes da fala são características predominantes das personagens nas narrativas. A performance é a linguagem, na qual as palavras se expressam a partir do ato narrado. Nela reside a ligação entre a palavra, o corpo e o gesto. Corroborando Fernandes (2002, p. 28) sobre tais aspectos:

A performance é, então, um momento de fascínio, articulada pela mistura de códigos e diversidade linguística, envolvendo não somente pela fábula, mas também pela maneira como é transmitido. O olhar, o silêncio, o franzir da testa, as mãos, o riso, objetos próximos, sons guturais, a fala. A cabeça, tronco e membros. O corpo é um turbilhão de mensagens, que ressoa códigos impraticáveis na escrita.

É percebido, nesse sentindo, nas narrativas das obras de Freire esse ato performático. A complexidade que caracteriza seus textos é a ação desse ato que precisa ser percebido, transmitido, refletido e analisado. É claro que cada autor tem suas especificidades ao escolher seus repertórios linguísticos dentro do processo narrativo. Freire não deixa de lado a associação indispensável entre o corpo e a voz, assim como salienta Zumthor (2005, p. 89) que a oralidade é um elemento corporizado, ela “é um tempo vivido no corpo”, e ainda, “a voz é presença. A performance não pode ser outra coisa senão presente” (ZUMTHOR, 2005, p. 83).

A oralidade, a performance, o discurso, a linguagem, a espetacularização, a ironia, a fragmentação, o riso, entre tantos outros aspectos devem ser analisados como estratégias literárias, para tratar dessa temática tão complexa e atual como a violência. Essas estratégias podem, e são, maneiras de lidar com tal fenômeno, não com o intuito de esgotar a sua compreensão, mas como forma de digerir suas consequências. Assim como no conto “Mariângela”, de *Amar é crime*:

Prendeu a mãe contra a parede. Como quem come. Com vingança. Com ódio. Com fome. Deu-lhe uma cabeçada. Reza, reza. Depois foi ao espelho. Ajeitou-se como uma rainha. Saiu desde cedo de casa. Antes de cair, na calçada, como uma fruta pomposa. Fugiu puxando o peito, como quem transporta. A humanidade inteira. Sozinha. Subindo, subindo. E rindo, rindo. A velha merecia. Por causa dela esta agonia. Tremenda. Esta alegria. Vitoriosa (FREIRE, 2015, p. 53-54).

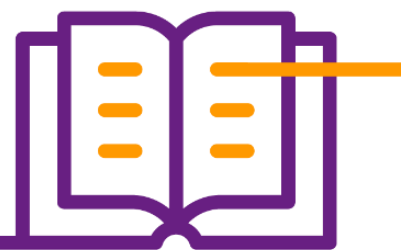


Todas as obras de Freire são traçadas por uma inquietude e provocações que expressam a imagem de uma sociedade fragmentada e atingida de forma direta pelo fenômeno da violência. Nesse sentido, a grande fatura não é mais o angu da farinha de milho ou de mandioca, mas o de sangue que se encontra esparramado nas vozes estilhaçadas pelas inadequações sociais, pelo discurso, pelas relações de poder e pela contínua insistência de homogeneização que se perpetua por séculos e séculos. Portanto, “[...] Freire é o escritor contemporâneo que tem permanecido, está sendo lido aqui e agora, não mais com uma voz tímida e rouca, mas em tonalidade alta, como ele próprio faz” (ALMEIDA, 2018, p. 26).

Nessa perspectiva, a literatura freiriana contempla as representações de diversos grupos sociais, em particular dos que serão citados, e as particularidades dos discursos, figurando-se nas múltiplas violências do contexto contemporâneo, refletidas nas intersecções entre a literatura, aspectos políticos, sociais, culturais e históricos.

A fragmentação do ser humano e da sociedade causada pela violência está presente de forma significativa nas narrativas do autor contemporâneo Marcelino Freire, justificando assim a proposta desta pesquisa, que tem por objetivo analisar como as representações da violência contidas na literatura deste autor refletem os mais diversos contextos sociais, e avaliar como essas representações se interseccionam com as questões que abarcam os discursos de gênero, da desigualdade social, etnicorracial e da homossexualidade. E também como Freire a partir de suas narrativas apresenta uma literatura brutalista, “nua e crua”, caracterizada pela temática da violência.

Entre as violências que a sociedade atual propicia e são representadas pela literatura de Freire, encontramos aquela ligada à violência contra a mulher, a violência de gênero. Esta violência aparece amplamente em muitas de suas narrativas, a exemplo dos contos “Mariângela” e “Modelo de vida” (*Amar é crime*), “Jéssica” (*BaléRalê*), “Moça de família” (*Angu de sangue*) e “Vaniclélia” (*Contos negreiros*). Tem-se também as narrativas que expressam a violência em relação ao fenótipo da cor, a violência etnicorracial, como nos contos “Trabalhadores do Brasil”, “Solar dos príncipes”, em *Contos Negreiros* e “Favela Fênix”, em *Amar é crime*.

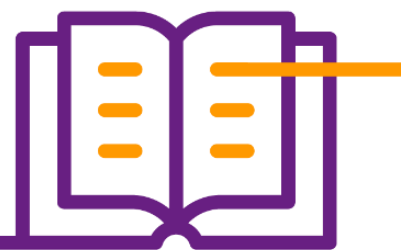


Outra sorte de violência é a que se expressa abertamente com a desigualdade social, nos conflitos entre ricos e pobres, entre periferia e centro, tal como vemos nos contos “Muribeca”, de *Angu de sangue*, “Nação Zumbi”, de *Contos negreiros* e “Vestido longo”, de *Amar é crime*; a etnicorracial nas narrativas “Trabalhadores do Brasil”, “Solar dos príncipes”, em *Contos Negreiros* e “Favela Fênix”, em *Amar é crime*. Além dessa violência, a discriminação, o preconceito, o processo de segregação vivenciado pelos sujeitos que vivem sua sexualidade fora dos padrões normativos legitimado por uma sociedade cisnormativa, como apresentado nos contos “Balé” e “Minha Flor” (*BaléRalé*), “União civil” (*Amar é crime*) e no romance *Nossos ossos*, no qual Heleno sofre diversas consequências e enfrenta as mais variadas situações causadas pelos atos violentos da discriminação.

As personagens vivem e presenciam em suas vidas diárias as múltiplas atrocidades que a violência dissemina, assim como o indivíduo contemporâneo. No processo de construção dessa fragmentação narrativa, o autor se utiliza de uma pontuação também fragmentária, muitas vezes até ausente, de modo a revelar, no processo acelerado de construção da narrativa o próprio processo de desabafo do sujeito contemporâneo diante da realidade e das injustiças vividas.

Nas narrativas, um dos processos estilísticos de Freire é o silenciamento ou mesmo a falta de voz de algumas de suas personagens, o que revela de forma peculiar a própria realidade que o autor denuncia por meio de sua literatura: o quadro sangrento e desagregador que a violência propicia. Outro aspecto é a presença da repetição de palavras, delineando-se num caminho de gagueira. Essa repetição representa a luta cotidiana pela vida e a gagueira, a perplexidade diante das múltiplas atrocidades violentas ocorridas contra a vida humana.

Pode-se observar ainda a paródia, o vazio textual, o riso, a espetacularização, a ironia, a performance e uma oralidade peculiar, que são e podem ser tomados como estratégias e linguagens textuais para lidar com essa temática tão complexa e com suas diversas manifestações.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos pontos levantados nas discussões teóricas percebemos que as estruturas dos contos representam os padrões dos contos brasileiros contemporâneos, pois as estruturas são curtas e exprimem grande potencialidade em suas narrativas, assim como comenta Cortázar (2006).

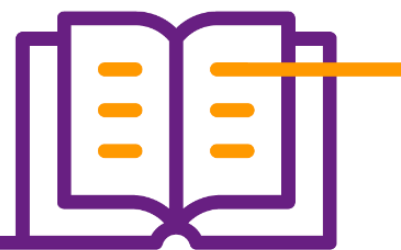
A violência é um dos principais aspectos que movem as narrativas de Freire, por isso a leitura tem que ocorrer de forma reflexiva, cuidadosa e ser percebida nos pequenos detalhes e nas várias figuras de linguagem presente. A violência atua de forma silenciosa e também de forma brutal, como acontece com as diversas personagens dos contos citados. A linguagem é outro ponto a ser levado em consideração, haja vista que nas histórias ela é a expressão da violência por meio do discurso.

As obras aqui discutidas apresentam tanto a temática violência de forma constitutiva da vida das pessoas como também a linguagem violenta como elemento intimidador, demonstrando dessa forma as características do conto brasileiro contemporâneo que tenta em muitos momentos, aproximar-se com determinadas estratégias, representar a realidade vivida pelo indivíduo cotidianamente.

Portanto, a temática violência nas narrativas de Freire se apresenta de forma tão complexa quanto sua escrita, e tão impactante e questionadora quanto a vida de tantas personagens que por ali perambulam, como a de Heleno do romance *Nossos ossos*. Uma literatura arquitetada de falas e frases de indivíduos que convivem lado a lado com a violência. Seus textos, como diz Marques (2015 apud Freire, 2015, p. 15), “são como pedaços vivos do cotidiano e da matéria social brasileira, que ele colhe com inteligência e crítica”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Claudimar Paes de. **As máscaras da violência em Marcelino Freire**. – Dourados, MS: UFGD, 2018.



BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1986.

CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto**. Trad. de Davi Arriguci Júnior e João Alexandre Barbosa. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FERRAZ, Flávia Heloísa Unbehaum. **Marginalidade, violência e testemunho nos contos de Marcelino Freire**. – Londrina, 2009.44 f.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. – 6ª. ed. – São Paulo: Editora Ática, 1998.

FREIRE, Marcelino. **Angu de sangue**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

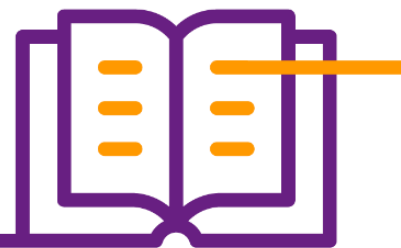
FREIRE, Marcelino. **BaléRalé**. – 2ª ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

FREIRE, Marcelino. **Rasif: mar que arrebenta**. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

FREIRE, Marcelino. **Nossos ossos**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. – 9º ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015.

FREIRE, Marcelino. **Amar é crime**. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015.



FREIRE, Marcelino. **Bagageiro**. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: EDUSP, 2012.

JÚNIOR, Enio Moraes. Literatura, mau comportamento e cidadania. In: SILVA, Maurício, COUTO, Rita (orgs). **A miséria é pornográfica: ensaios sobre a ficção de Marcelino Freire**. – São Paulo: Terracota Editora, 2013.

MOREIRA, Terezinha Taborda. Literatura e oralidades. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 9-20, 2º sem. 2015.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papirus, 1998.

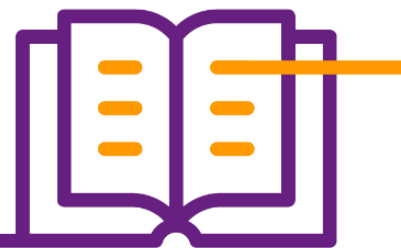
PETRI, D. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: PETRI, D. (Org.). **Léxico na linguagem oral e escrita**. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 2003.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SILVA, Maurício. Teatro de conflitos: a paisagem urbana distópica. In: SILVA, Maurício, COUTO, Rita (orgs). **A miséria é pornográfica: ensaios sobre a ficção de Marcelino Freire**. – São Paulo: Terracota Editora, 2013.

TORRESAN, Jorge Luís. Os efeitos dos traços da pornografia nos microcontos de Amar é crime. In: SILVA, Maurício, COUTO, Rita (orgs). **A miséria é pornográfica: ensaios sobre a ficção de Marcelino Freire**. – São Paulo: Terracota Editora, 2013.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A “literatura” medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo:** Entrevistas e Ensaios. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.